Dr. João Suareses Baccho
Brasil

ANNO I

BRAZIL

N. 5

J. P. Abizone

REVISTA CATHARINENSE

PUBLICAÇÃO MENSAL DESTINADA A DEFEZA DOS INTERESSES
DO
ESTADO DE SANTA CATHARINA

~~~~~

REDACÇÃO

Director — dr. Theophilo Nolasco d'Almeida
Secretario — Nestor Passos

COLLABORADORES :

Conselheiro Manoel da Silva Mafra, General dr. Alexandre Marcellino Bayma, 1.º Tenente dr. Nepomuceno da Costa, José Ramos da Silva Junior, dr. Luiz Delfino dos Santos, dr. M. C. do Rego Barros, dr. Evaristo Nunes Pires, dr. Celso Bayma, Luiz Nunes Pires, 1.º tenente dr. Liberato Bittencourt, Rodolpho Goudel, C. Marques Leite.

—❧—

❧ Maio de 1900 ❧

CAPITAL FEDERAL

RUA DA CARIOCA 34—1.º andar

~~~~~

TYPOGRAPHIA L. MIOTTO
13 BECCO DO FISCO 13
RIO DE JANEIRO

EXPEDIENTE

A REVISTA CATHARINENSE apparecerá uma vez por mez

As opiniões emittidas pelos colaboradores correm sob sua responsabilidade exclusiva.

Serão recebidas todas as communições de interesse publico, dependendo a publicação do juizo da redacção.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Secretaria do CENTRO CATHARINENSE, rua da Carioca 34—1º andar.

ASSIGNATURAS

Anno	8\$000
Semestre	5\$000
Trimestre	3\$000

Numero avulso 1\$500

ANNUNCIOS

Uma pagina, 10\$000—Meia pagina, 6\$000—1/4 de pagina, 4\$000.

Quando o annuncio tenha de ser publicado mais de uma vez, gozará de abatimento.

PAGAMENTO ADIANTADO

"Centro Catharinense"

(Sede: Rua da Carioca 34, 1º Andar)

PRESIDENTE

José Ramos da Silva Junior.

1.º VICE-PRESIDENTE

João Corcoroca.

2.º VICE-PRESIDENTE

João Leopoldo Teixeira Bastos.

1.º SECRETARIO

Alferes-alumno Nestor Passos.

2.º SECRETARIO

Joel Augusto da Silva.

1.º ORADOR

dr. Celso Bayma.

2.º ORADOR

Luiz Nunes Pires.

THESOUREIRO

Rodolpho Goudel.

BIBLIOTHECARIO

Emilio da Silva Simas.

COMISSÃO FISCAL

Octavio Melchiades, Manoel Ignacio Bricio Guillon e Jacob Bergmann.

CAIXA BENEFICENTE

Manoel Luiz da Costa, Annibal Nunes Pires, Manoel Paulino de Aguiar e Tarquinio de Medeiros.

Commissões Permanentes

FLORIANOPOLIS

Durval Varella Alves, Francisco de Assis Costa, João Pedro de Oliveira Carvalho, Leonidas Branco, Adalberto Gil Ribas, João Grumiché, Amphiloquio Marques da Silva, Alfredo Juvenal da Silva e José Antonio de Souza Junior.

TUBARÃO

Antonio Bibiano de Assumpção, José Martins Cabral, Gustavo Gonzaga e Francisco Gonçalves da Silva Barreiros.

O PORTO

DE

S. FRANCISCO DO SUL

VIII

Voltando ao Porto de S. Francisco, é evidente que, uma vez tomado, cortadas estão as communicações com o Sul do Brazil. Armado e bem defendido, não é de suppor que uma esquadra se vá abrigar na I. Grande, ou estabelecer ali base de operações collocando-se entre dois portos armados, pois, Arsenal e esquadra, são elementos connexos e a Capital Federal nunca será um porto indefeso e sem esquadra.

A criação de um arsenal em S. Francisco, não quer dizer ausencia de força na Capital Federal; mas é preciso que a esquadra ali fundeada, esteja sempre prompta a desempenhar qualquer commissão.

Installar arsenal na Ilha Grande, deixando ao Sul um porto como S. Francisco, é não garantir avançadas, cuja sentinella sempre vigilante, deve ser S. Francisco, por ser no Sul do nosso litoral, o unico vertice de triangulo de defesa, que melhor se póde conceber. A ter de collocar-o em Santos, melhor seria deixal-o no Rio de Janeiro.

Deve-se difficultar o bloqueio hoje mais que nunca e, distantes as duas esquadras, quer isso dizer que o bloqueiador ha de dividir tambem a sua enfraquecendo-a. Proximas, ellas hão de dar combate a um inimigo duas vezes mais poderoso, sem se poder lançar mão de um estratagemma; bloqueiado um porto só, a luta recae no primeiro caso, mas estando sempre a esquadra bloqueiadora, sujeita

a um ataque simultaneo das duas, ella estará ao mesmo tempo na offensiva e na defensiva, situação bem compromettedora.

Pretender amoldar ao Brasil, como já disse, principios de defesa, discutidos e estudados na Europa, não é resolver a questão.

A maioria das nações, naquella parte do mundo, pode ser equiparada, na sua grandeza territorial e na sua extensão litoral, a muitos dos Estados brasileiros. Sendo assim, a nossa defesa só seria uma realidade, quando cada um delles tivesse projectado e fortificado o seu triangulo, o que na actualidade é impraticavel, por nos ser impossivel.

Illusão é tambem pretender uma esquadra capaz de guardar as nossas costas. A nossa defesa ha de ser de recursos, evitando combates, desorientando o inimigo, salvo condições especialissimas.

A arma do Brasil, ainda que a opinião actual seja contraria, é, a meu ver, a torpedeira: si dellas não se tem tirado partido, nestes ultimos tempos, é que a torpedeira, a que muitos se referem, invadindo as attribuições do cruzador, desvirtuou o seu papel.

Quem, ha alguns annos atrás, se atreveria chamar torpedeira, a « Timbira », o « Tamoyo » e a « Tupy »?... Lá, na Europa, ellas devem ter a preferencia, devido as pequenas distancias que medeiam entre seus portos, de modo a podel-os defender todas a um tempo. A noite, a escuridão, porém, deve substituir a coragem dos invulneraveis, á sua artilharia, para, e só assim, dellas se poder tirar todo o partido.

A nós, porém, não é este o unico typo que mais convém; devemos an-

tes preferir a torpedeira de porto e de costa, devido ás distancias entre as nossas principaes cidades.

A nossa defesa deve ser local e permanente, escolhendo-se para isso os principaes portos, como sejam : Pará, Pernambuco, Bahia, Santos; Itajahy e Florianopolis. Este ultimo, ao Sul, parece até talhado á estas embarcações, pois, suas aguas doces constituem poderoso elemento de conservação, dispensando, em grande parte carreiras, mortonas, etc.

Creados estes districtos, suppre-se, em parte, a necessidade de poderosa esquadra, ideia que nos domina, quando estasiados diante destas massas de aço, que nunca nos cançamos de admirar.

Assim distribuida a defesa, uma esquadra regular fará tanto como uma muito poderosa ; mas que uma vez dado o rompimento, preciso seja fraccional-a, para só assim poder attender a todas as surpresas. A Inglaterra está nestas condições, devido as suas numerosas e dispersas colonias ; a Hespanha nos deu uma prova disso e, penso, melhor teria feito, si deixando por mão Manilha já perdida, Camara e Cervera, unidos, tivessem dado immediato combate á esquadra americana do Atlantico ; mas conjecturas si fazem muitas e a minha opinião não póde desfazer a do abalisado almirantado hespanhol.

IX

Na impossibilidade de todos os triangulos, a que já me referi, procuramos fechar um desses polygonos em todo o Brazil.

Os antigos sem tanta illustração litteraria dizendo tudo ao alcance de todos e com aquelle atilamento e golpe de vista que os caracterisava, de relance descobriram o que nós já

destruimos : O Amazonas, o Prata e o extremo oriental do Brazil — Pernambuco — eram com effeito os seus vertices principaes naquelles memoraveis tempos. Era de facto, um triangulo de defesa ; mas, elles, talvez nunca assim o chamassem, quando hoje, muitas vezes para tres pontos em linha recta, ou proximo disto, dá-se a denominação pomposa a uma cousa, que a meu ver nada representa.

Pena é que Recife, tão mal se preste, actualmente, a esse melhoramento, e por isso penso, dever-se-ia antes de eliminá-lo estudar naquelle extremo oriente, local mais apropriado para sua transferencia.

Recife é hoje uma sentinella perdida no extremo oriente da Republica !... Solemne e bella, com a resignação dos exilados a que foi condemnada, foi nos tempos coloniaes e tornará a ser, no caso de um conflicto com qualquer nação da Europa, o melhor dos nossos inimigos... Com ella se trocarão os primeiros tiros, ou... nem isso : uma esquadra de passagem, nada tem de mais facil, do que despejar sobre seus pretensos fortes e malevolamente sobre a cidade, sua longa artilharia. O direito internacional maritimo, é lei ; mas para os fracos.

Foram eliminados este e o da Bahia, porque pouco produziam ; mas não se procurou a causa disso, pois, este ultimo, pelo menos, quem percorreu, alguma vez, a sua sala do risco, não podia deixar de manifestar admiração, diante dos modelos de toda a especie de embarcações, que em outros tempos construiu.

Este arsenal, bem como o da Capital Federal, foram sem duvida, uma consequencia do desenvolvi-

mento da construcção naval, nestas capitães, em épocas, em que a madeira era materia prima, as mattas proximas e as construcções rapidas; actualmente o principal *desideratum* a que devem satisfazer os arsenaes é, uma vez declarada a guerra, aprestar a esquadra, que se possui para o combate: A demora deste serviço bastante concorreu, para quem é observador, para o desastre hespanhol. — Vencida, está perdida; vencedora é provavel que continue a vencer.

A rasão, acompanha a escolha destes portos, quando a vella era o motor; á entrada num porto como S. Francisco um problema; o bloqueio sem leis por assim dizer e as construcções faceis.

Hoje, porém, que o vapor é a força que nos conduz através dos tortuosos caminhos até o fundo do nosso porto, quando se nos franqueia a entrada, enquanto que ao adversario tudo se tolhe: e ahí que deve existir o Arsenal.

Tactica, hoje, é difficil geometrisar; o problema é mais complexo e o recurso a solução: este partido temos nós sobre a Europa, aonde não ha um palmo de terra desconhecida, uma braça de costa por prumar. O Chile deu uma destas lições á esquadra peruana e que não será a unica, attrahindo nas aguas do « Covadonga » sobre os baixos de Ponta-Grossa, o seu poderoso adversario « Independencia », que de lá nunca mais sahio.

Aquelle dia, foi um dos mais gloriosos para o Chile, devido ao conhecimento que tinha da costa o digno commandante da « Covadonga ». Façamos o mesmo e para firmeza do que digo, não deixarei de citar a opinião de Duperré, quando preferiu

parecer acerca da condemnação de um dos cammandantes de uma torpedeira, que por muito se approximar da costa, naufragou. Eil-a: « Esta pena é injusta, pois, com ella, nenhum resultado pratico pôde advir, fazendo com que os commandantes destas machinas de guerra, fujam aos perigos, que as nossas costas apresentam. Desconhecidas dos nossos jovens officiaes, jámais se poderá tirar todo o partido deste importante factor da guerra moderna ».

E' preciso, porém, que se diga: muito antes, por occasião do encalhe do « Almirante Barroso » na bahia do R. de Janeiro, perguntado o commandante daquelle navio, pelo então ministro da marinha, Rodrigues Chaves, si não sabia da existencia de pedras n'aquellas proximidades e como, então, tanto se approximára, respondeu-lhe: « Sim, sabia; mas, o capitão de fragata Luiz Felipe Saldanha da Gama seria indigno de commandar um vaso de guerra brasileiro, si a aproximação de qualquer perigo o intimidasse ».

T. N. D'ALMEIDA

PATRIA

O mundo inteiro se encerra
para minha alma neste
breve espaço. Fora daqui
não ha no mundo, nem
terra, nem céu, nem ar, nem
luz para mim.

CASTELLAR.

Patria! Quem não se entusiasma ao ouvir pronunciar o teu santo nome?... Quem, distanciado das tuas plagas, não sente contristado o coração pelo agri-doce pungir da saudade, quando a propria imaginação lhe retraça com cores vivissimas o verde contorno de tuas collinas, o azul de

teu céu, o brilho refulgente de teus astros, o pinaculo de teus templos, o matiz aveludado de tuas flores, o canto de teus passaros, o deslizar de teus rios, a vastidão de teus mares, e o murmurar de tuas fontes ?

Quem, com os olhos marejados de lagrimas, avassalando o espaço, encurtando distancias, não anhela rever o quadro risonho dessa terra de prodigios e venturas, berço das recordações as mais castas, e das affeições as mais innocentes ?

Tudo ali nos fala do passado : cada flôr que colhemos, cada recanto que divisamos, cada pedra que tomamos, cada folha que palpamos é para nós um poema de amor, um idyllio dos jogos infantis.

São bem naturaes taes sentimentos e affectos. Porque não foi a'í que deslisou tranquilla e descuidosa a nossa infancia, embalada pelas caricias do amor materno ? Não foi ali que o primeiro lampejo da aurora nos afagou a fronte, e o primeiro grito da ave matutina nos rejubilou o coração ? Não foi ali que revigorando o espirito nos ensinamentos proficuos da sciencia, nos preparámos para as lutas e conquistas do futuro ? Não foi ali que curvados pelo pezo dos annos, e alanceados por pezares e dôres, vencidos, baquearam afinal os nossos antepassados, entes que nos eram tão caros, cuja ossada veneranda ainda branqueia aquelle sólo benedicto ?...

Como, pois, não encarecer a terra natal, não amal-a, não estremecel-a, si este pedaço de argila compendia todo o nosso ser, constitue todas as delicias de nossa alma, o eden de nosso coração ? E quando, não sò o homem, mas todo o ser da escala animal tributa gratidão e sympathia ao

logar onde sentiu o primeiro vagido da existencia ? O passaro jámais olvida o tepido calor de seu ninho. No fluxo e refluxo das ondas rejubila-se o cetaceo, porque nellas robustece a vertebra, exercitando a actividade. O leopardo campeia ufano nas selvas e breihas, dominando-as, mas não passa indifferente ante a cavidade do toско penhasco, onde não raro abrigara a si e a prole das intemperies.

Chateaubriand pondera judiciosamente que — um selvagem quer mais a sua cabana que o principe ao seu palacio ; e o montanhez acha mais encantos na sua montanha, que o habitante do descampado no seu sulco...

Mas, porque cessaram de echoar nas quebradas do Carmello, nas eminencias do Libano as estrophes inspiradas dos filhos de Israel ? Ai ! porque seus bardos proscriptos, manictados já não sentem as brisas refrigerantes da patria afagar-lhes a fronte encanecida, e solidarios com a desdita della, abandonando o alaúde, jazem junto dos salgueiros do rio babilonio, entristecidos como a rama do cypreste, e silenciosos como a mudez do tumulo !...

Não lhes perturbemos a mudez, e respeitando-lhes a dôr, ouçamos no entretanto os assentos plangentes de Castelar, desse illustre exilado que tambem curtiu saudades da patria em solo estranho : «Quando contemplo este oceano de ether estendido por sobre nossas cabeças ; quando vejo esta magica luz, que piuta, esculpe, borda e esmalta nossos maravilhosos monumentos : quando respiro este ar cheio de harmonias ineffaveis, e de aromas inebriantes, porque aqui cada planta é um floresta e cada flor um thurybulo ; quando

ouço esses cantos melancolicos como o murmúrio da onda que brandamente expira na praia, semelhante ao côro das raças proscriptas, repetido pelos seus prophetas; quando considero tantas maravilhas, digo a mim mesmo, — eu amo esta terra, não por haver sido a terra do Vellocinio dos phenicios; não por haver sido o Elyseo dos gregos e o Eden dos arabes; não porque pareça a renovação do paraiso; mas porque ha uma intima harmonia entre a sua natureza e o meu espirito, e eis porque quero que, assim como nella vi pela primeira vez a luz, nella tambem repousem meus ignorados restos»

E de que sacrificios, de que devotamentos, de que heroismos não é susceptivel o coração humano, quando se inflamma no ardor intensissimo do amor da patria!

Folheae a historia, e vereis as suas paginas assignaladas por feitos immortaes, operados por paladinos intemeratos, que em defeza da autonomia e brios nacionaes nada lhes refusavam, não hesitando mesmo ante o sacrificio da propria vida.

Entre essas façanhas de tão subido valor, de tão sobre-humano esforço releva notar a praticada por Zopyro que usando de um ardil engenhoso conseguira entregar a direcção e governo de Babilonia ao rei Dario.

Codro, Regulus e Decio com a tenacidade, abnegação e fé, sómente proprias dos martyres de uma ideia, tambem se offereceram em holocausto nas aras da patria; e tal foi a placidez que n'esse acto exhibiram que pareciam justificar exhuberantemente o famoso verso do poeta mantuano: *et dulces mōriens reminiscitur Argos!*

SERGIO NOLASCO

INDUSTRIA CATHARINENSE

V

OPPORTUNIDADE

E' a unica face por que, como já dissemos mais de uma vez, nos falta encarar o problema da EXPOSIÇÃO CATHARINENSE.

Vem de um espirito calmo e reflectido a observação de ser a oportunidade condicção a que se deve, principalmente, attenção. De accordo, e com tamanha coincidência de vistas, que a inscrevemos no nosso programma, quando se nos affigurou de utilidade levantar do esquecimento essa tentativa mais de uma vez frustrada.

Não lhe negamos o carater de principal, damos-lhe mais até, consideramol-a como essencial. Nem nos é permitido architectar esse monumento que affirmamos destinado a representar influencia primordial na vida economica do nosso Estado — de toda a Republica, conseguintemente,—inspirados apenas nos arrebatamentos de imaginação mais ou menos phantasiosa; não—e disso estamos perfeitamente certos: ou firmamol-o sobre dados serios, positivos, ou teremos de assistir á reproducção dos desastres anteriores, que estamos obrigados a evitar.

Impressionado, como quasi todos nós, em diversos grãos de intensidade, pelo notavel acontecimento que ainda se commemora, esse espirito calmo e reflectido, que nos deu a honra e o prazer de algumas advertencias sobre lacunas que descobriu no nosso programma, opina por que as festas de Maio, commemorativas do 4.º centenario da Patria, tivessem sido a occasião propicia, mais que nenhuma outra.

Devemos declarar que não nos passou despercebida a circumstancia e a nossa opinião, até certa epoca, não differiu de uma linha da do nosso observador. Reflexão mais demorada, porem, attendidas todas as circumstancias, condições e motivos, em que e porque pretendemos realisada a EXPOSIÇÃO, modificou-a profundamente, a nos convencer da impropriedade da data. E não é difficil dizer a razão.

Antes de quaesquer outras considerações, é criterioso não nos iludirmos sobre o conceito em que é tido o nosso Estado comparativamente a quasi todos os outros da Republica: o desconhecimento das nossas condições de vida, da nossa agricultura, da nossa industria e do nosso commercio, aponta-nos como desvaliosos, insignificantes, e incapazes, portanto, si não indignos, de despertar interesse fóra do nosso meio restrictamente limitado. Quando nos houvessemos aprestado em tempo para concorrermos com esse acto ás manifestações com que o patriotismo brasileiro vai commemorando o centenario, outros mais fortes, com maiores recursos, seguir-nos-iam as pegadas e, favorecidos pelas tradições de grandeza que estamos longe de possuir, ter-nos-iam feito passar despercebidos, não correspondendo o resultado aos nossos esforços. Seria, por conseguinte, desastrada a escolha.

E não é só isso. Admittindo illusão da nossa parte no juizo que acabamos de deixar lançado, ha outro facto, e de muita ponderação, que se impõe. Por isto ou por aquillo, por simples amor as diversões, ou por uma perfeita comprehensão do facto a commemorar, o que será difficilimo affirmar é haver quem com mais alguma cousa se preoccupasse durante

as festas do Centenario e mesmo algum tempo depois dellas. Ora, esse alheamento, ja não dizemos da população em geral, mas de grande parte daquelles cujo juizo sobre a capacidade industrial de S. Catharina nos interessa, seria um golpe profundo, certo, bastante para destruir todo o trabalho feito.

E' natural, pois, a condemnação que lavramos, em nome dos nossos interesses collectivos, á escolha da epoca das festas centenarias para a EXPOSIÇÃO CATHARINENSE, quando outro facto tambem importante na historia da humanidade, qual seja a entrada do seculo XX, não está longe e tambem se coaduna com o nosso tentamen, que servirá aos vindouros de ponto de referencia, quando se atirem a aquilatar do que fizeram as gerações anteriores.

Elle ahi vem, o seculo triumphal a que já se tem anticipado todos os nomes imaginaveis, como se fóra dado ao homem prevêr as surpresas da sciencia, elle ahi vem a provocar manifestações capazes de significar que não tem sido vã a actividade humana durante essa longa peregrinação de seculos, para demonstrar o que somos hoje, em relação á nossa existencia tão accidentada, mas tambem — permittam-nos a immodestia — tão cheia de motivos de orgulho.

Aproveitemol-o e difficil será que possamos ter razão de queixa.

VI

DUAS PALAVRAS MAIS

Phantasistas, dizem-nos. Pouco importa que o sejamos, que nos deixemos embalar — na opinião descrente de uns quantos desilludidos a quem o desamor ao trabalho attrahe irresistivel — nessa doce illusão de fazer surgir nesta capital uma séde

onde a industria catharinense, permanentemente, possa fazer sentir a realidade da sua existencia. Não será esta a primeira experiencia nossa, baptisada com o mesmo nome pela indifferença perniciosa dos incapazes. Esta mesma *Revista* onde preparamos o advento da EXPOSIÇÃO CATHARINENSE, soffreu, entre projectada e realisada, dos aruspices agourentos, a condemnação da morte no nascedouro... e no emtanto, a *Revista* singra sem maiores difficuldades o mar bonançoso em que se transformou a tempestade que os mochos do desanimo enxergavam, só elles, imminente. Este «Centro Catharinense», hoje, si não o nosso maior orgulho, pelo menos uma das nossas mais promettedoras esperanças, foi por sua vez alvo dos mais desanimadoras prophcias... mas elle cresce, avoluma-se, impõe se como uma necessidade.. Tal é a marcha fatal de todas as tentativas uteis, é preciso que mais uma vez deixemos ratificado.

Porque desanimar então? Seria a ultima das covardias, que nos deixassem tambem nós outros, acostumados á lucta de todos os dias, de todos os instantes, avassalar por essa incapacidade inerte que vegeta, que se apavora deante da menor difficuldade, impotente para tudo quanto é esforço, pobre de iniciativa, sem amor ao trabalho, sem consciencia do papel que as necessidsdes sociaes destinam a cada individuo.

Não, não seremos nós quem o faça, quando tudo parece consorciar-se em louvores animando os humildes que, quanto mais alto enxergam a montanha, mais se impacientam por galgal-a, prelibando, ao vencer cada obstaculo, uma parcella do prazer immenso que os aguarda ao termo da jornada.

Não, não seremos nós quem dê ouvidos ás cassandras, cirios mortuorios nas festas alegres do trabalho...

Continuaremos sempre e, quando um dia vejamos realidade as nossas aspirações de hoje, não lhes negaremos, aos prophetas do mal, um logar na nossa gloria, filha do criterio com que tenhamos despresado os seus maus avisos.

Sem elles caminharemos melhor e ao lado dos que não se deixarem vencer pelo desanimo das nullidades incapazes, criticos baratos, representantes da negatividade entorpecedora.

Que fiquem e nós seguiremos.

Acompanhe-nos quem quizer.

G. S.

PUBLICAÇÕES

O Sr. Dr. Evaristo Nunes Pires, nosso illustre collaborador, teve a gentileza de offerecer ao «Centro Catharinense», o discurso que pronunciou por occasião do anniversario do fallecimento do dr. Anastacio Luiz Bomsuccesso, presidente do Instituto dos Bachareis em letras.

E' um trabalho criterioso, em que são apreciadas as qualidades de quem o autor «foi talvez o confrade sobrevivente — que mais proximo sempre esteve, fóra do Instituto». Revela por isso mesmo, o cunho da maior intimidade no conhecimento da vida do dr. Bomsuccesso, velho companheiro do dr. Nunes Pires desde os tempos collegiaes e academicos e das lides litterarias em associações e periodicos».

Sentimo nos enleados para ajuizar do trabalho do illustre professor que por tantos titulos se impõe ao nosso respeito, mas em cumprimento á de-

ver do cargo, permitta-se-nos deixar aqui consignado que, procurando apenas resgatar uma divida de amizade conseguiu muito mais — revelar vasto conhecimento da litteratura classica. Vê se ahi uma penna de mestre ao serviço de um coração de ouro.

Precedidas de uma carta-prefacio da sra. Eva Canel, o sr. Baldomero Carqueja de Fuentes, do *Jornal do Commercio*, reuniu em volume, as noticias que, como representante da quella folha, organisou a respeito das visitas do exmo. sr. dr. Presidente da Republica ás diversas fabricas existentes nesta Capital. Temos sobre a nossa meza um exemplar que o « Centro Catharinense » deve a generosa lem brança do seu autor.

Quando houvesse necessidade de dizer alguma cousa justificando a publicação do livro, sciam sufficientes as palavras da sra. Canel: « Usted con sus cronicas de las visitas hechas a las fabricas por el señor Presidente de la Republica presta un excelente servicio al buen ejemplo; los que sucedan al sr. dr. Campos Salles se veran obligados a seguirlo porque escrito queda, y no escrito en la hoja diaria donde todo pasa y todo se olvida y todo duerme el sueño eterno al día seguinte de haberse publicado; queda en un volumen que perpetúa un hecho edificante para el porvenir y de muy buen augurio para el progreso industrial del Brazil ».

A Pagina é um semanario elegante, publicado em Florianopolis, Estado de S. Catharina, por um grupo de plumitivos, — é como elles se denominam.

Os quatro numeros correspondentes ao mez passado, e remetidos ao « Centro », nos alegraram como indício de um renascimento litterario, que almejamos para a nossa terra.

Seja bemvinda *A Pagina* catita.

Somos visitados, com assiduidade que agradecemos, pelos seguintes collegas:

O Estado, Republica e Sul-Americano de Florianopolis;

Região Serrana, de Lages;

Blumenauer Zeitung, de Blumenau;

A União, da Laguna;

Legalidade, de S. Bento;

Republica, de Itú, S. Paulo;

A Lavoura, boletim da Sociedade Nacional de Agricultura, desta capital;

Revista do Club Brasileiro Commercial, tambem desta capital;

Estado de Sergipe, de Aracajú, Sergipe;

Azul e O Sapo, duas magnificas revistas, de Curytiba, Paraná;

Reforma, de Porto Alegre, e *Jornal*, de Uruguayana, Rio Grande do Sul.

Das folhas publicadas em Santa Catharina, só o *Futuro*, da Laguna, não permuta conosco. Entretanto, continuará a ser lhe remetida a *Revista*.

UM PATRÍCIO

Com prazer trasladamos para as nossas columnas, as palavras com que o *Commercio do Espirito Santo*, da Victoria, ao tratar das festas ali realisadas em homenagem ao 4º Centenario do descobrimento do Brazil, se refere ao nosso amigo e conterraneo Nelson Costa.

« Graças á iniciativa do projecto professor Amancio Pereira, cujo espirito não se abate deante da indifferença dos presentes tempos, e com o auxilio poderoso e efficaz do estimavel cavalheiro sr. Moreira Dantas, proprietario do acreditado estabelecimento « Papelaria Commercial », foi distribuida uma vistosa e bem feita « Polyanthéa » commemorativa da inolvidavel data, que mereceu applausos geraes, não só pela belleza e correcção dos escriptos, como perfeição artistica que lhe imprimiu o intelligente e distincto moço Nelson Costa, que mais uma vez revelou a sua pericia para trabalhos desta ordem ».

O nosso illustre collega da *Tribuna* desta capital, a proposito do trabalho de Nelson Costa, assim se exprimiu :

« Na *vitrine* da casa Medeiros, rua da Uruguayana, 70, acha-se exposta uma Polyanthéa, publicada na cidade da Victoria, Espirito Santo, em homenagem ao 4.º Centenario do Descobrimiento do Brasil. Nas quatro paginas veem-se nitidamente impressas, a cruz de Malta, as armas de Portugal e as do Brasil, imperio e Republica, feitas, segundo vemos pelos jornaes daquella capital, em papelão, por um processo especial do Sr. Nelson Costa, que, effectivamente, apresentou um trabalho digno de ser apreciado ».

O Pranto do Mar

Interminaveis são seus lamentos e ninguem ousa interrogal-o, nem elle confia sua dôr. Tem momentos de colera ; mas, si alguem o conheceu, algures, cheio de calor e de fogo, não teve aonde descrevel-os, e, deviam ser terriveis.

Vagava na solidão do espaço, este Oceano rubro e luminoso como o Sol ; dourada era sua cabelleira, restos de uma nebulosa que se extinguiu ; seu nucleo ebulliuia em lavas, ferro e granito em fusão.

Triste e solitario, oh ! quem o conhecesse ha milhares de seculos, quando das suas entranhas partiam ruidos estrepitosos e successivos, manifestações terriveis de sua colera pungente ? !...

Hoje, mais tenue, e alvo como *lana philosophica*, é a linda cabelleira que o envolve ; transparente como vidro, apenas de vez em quando, calafrios de raiva percorrem e crispam mais ainda, suas carnes sempre revoltas.

A' principio, sentia-se só : pragas terriveis, retumbaram no espaço e repercutiram no Cèo. Deus ouviu, e fez surgir de suas proprias entranhas a Terra, que lhe deu por companheira

Gentil, despida, sem rumores nem malicia, virentes bolsas de uma eterna magia, semeadas aqui e ali, no dorso dos gigantes e contrafortes, pouco a pouco a vestiram, e deram-lhe a forma de serpente.

A phisionomia do mancebo aplacava-se, e nella se reflectiam graciosamente, contornos encantadores da Terra.

A primeira mulher, com ardil, tentou-o, a malicia appareceu e com ella... a *Lua de Mel*.

Cada vez mais vaidosa se tornava a Terra ; não lhe bastava o amante encantador, que sempre, mais humilde, dia e noite, a seus pés, não vociferava já : murmurava segredos que só a solidão de uma alcôva pode ouvir. Viviam num aconchego de amor ; mas, si ninguem é contente com a sua sorte, a serpente agitava-se

porque a mulher vive sempre a de-sejar : por isso a Terra torna-se fa-ceira.

Vaidosa de mais a mais, egoista por fim, preciso era captivar o espo-so : Quiz ser senhora e para isso ma-tizou-se das mais lindas flores, per-fumou-se, adornou-se e no meio do ruído, *froufroude* sua passagem chama para ella todos os olhares, risos, carinhos, e para elle, um grave res-peito.

Soffre todo o peso do seu capti-veiro, com languido sorriso. Conti-nuamente, aguçados punhaes dilace-ram suas carnes em todos os sentidos e, só de tempos a tempos, gemidos de dôr partem de seus rochosos an-tros.

Mas, tudo tem um fim, ou-tra como tú, Terra, já teve um véu de noiva, e hoje viuva, envolta em negro fumo, assiste entristecida, este drama da criação... E' bella, amou e foi amada : a seus pés já teve um es-posito, era também vaidosa, mas um dia, e sem se aperceber, nos seus labios bebeu naquelle prolongado e espu-mado beijo em que viviam, toda a vida — a atmospherá que os envol-via — e, de repente, sentiu que o amante vaporisava-se, pesadas nuvens a envolveram e desfizeram se no es-paço !.; Foi um dia de luto...

Terra, esse será o teu fim :

Viuva sem ar e sem Mar, campea-rás solitaria no firmamento.

T. D'ALMEIDA

IV CENTENARIO

Não podíamos ser indifferentes, nós que mourejamós nesta casa em prol da prosperidade de Santa Ca-tharina, como parte integrante e in-separavel da grande Patria Brasileira,

não podíamos ser indifferentes, di-ziamos, ao grande acontecimento que o Brazil acaba de commemorar.

Não podíamos ser e não o fomos. Na medida das nossas forças procu-ramos, com todo o empenho, que a nossa terra não ficasse esquecida no côro de aclamações com que toda a nação saudou o grande dia em que surgimos para a civilização, dando a publicidade uma obra puramente ca-tharinense — «Santa Catharina» —, da lavra de Virgilio Varzea, cujo nome, no dizer do nosso illustre collega da *Gazeta de Noticias*, é bastante para recommendar o trabalho.

Como se desempenhou o « Centro Catharinense » do encargo, não nos compete dizer : si não receiassemos ser acoimados de suspeitos, repor-tar-nos-íamos ao juizo unanime da imprensa carioca, sempre bondosa e captivante para os nossos compa-nheiros.

Conseguimos muito, animados pela boa vontade de grande numero dos nossos conterraneos e amigos, sempre solícitos quando o « Centro Catharinense » appella para os seus sentimentos, e pelo sr. dr. governa-der de Santa Catharina que auxiliou por conta do Estado, as despezas da impressão com a quantia de um conto de réis.

A todos os nossos agradecimen-tos.

As pessoas que desejarem possuir a obra devem dirigir-se nesta capital á secretaria do « Centro Cathari-nense », ou, em Santa Catharina, á Comissão Permanente que ali repre-senta a nossa sociedade.

AO LUAR

Ao collega Sq.

Pela face azul, etherea,
do ceruleo firmamento,
delisando esparge a Lua
sua luz. Nesse momento,

na superficie serena
de um lago que os ceus retrata
a viração que suspira
burila uns frisos de prata.

Percebe-se um grato aroma
espalhado na amplitude
atravez dessa frescura
que nos enche o coração.

Ah, como me lembro agora
de minha terra querida,
daquelles montes tão cheios
de poesia, amor e vida!

Como a dor de uma saudade
que tudo vem me avivar,
me lembra o nascer da Lua
do seio do immenso mar!

Uberaba, 14-4-1900.

Fc

VINGANÇA

Das duas cada qual mais graciosa,
mais cheia de attractivos, mais galante;
tuas a mais moça é mais interessante,
mais alegre, mais linda e mais airosa.

Soffrendo de molestia dolorosa:
amor, paixão, loucura, delirante,
sem ser correspondido, um estudante
jurou vingar-se della. Receiosa,
ella conta a mamãe o succedido,
e alegre e risonhas, fartamente,
riem-se as duas do pobre enleuquecido.

Mas de subito elle entra no salão,
segura na mais moça brandamente
e crava-lhe um punhal no coração!

1894.

LIBERATO BITENCOURT.

Transfiguração

(Conclusão)

VIII

Oh! chegáras á Grecia apaixonada,
Onde o marmore antigo inda palpita.
Onde tudo, o que em torno a ti se agita,
E' Odisséa, e Iliada gravada,

Sem te lembrar talvez um só momento
Da pobre e miseravel creatura,
Que guarda n'alma a tua imagem pura,
Como um Deus guarda um sol no pensamento.

Inda se eleva, sobre o mar de Ulysses
No seu manto de marmores, Athenas?
Entre a mudéz das multidões aerenas,
Talvez no Forum, Péricles ouvisses?

Ves tu Aspasia? A grega mocidade
Leva consigo a tunica arrastada.
Socrates ergue a taça envenenada.
Bebe a cicuta, e explica a eternidade.

No cabo Myteleno, sobre um marco
De estatua espedaçada, ouves ainda
Chorar de Sapho a morte a vaga infinda,
Lendo talvez o livro de Plutarcho.

Mas de mim? Ai! nem sombras de memoria
No meio dessas profugas ruinas -
Agora só a bella fronte inclinas
Nuns tropos vãos de moribunda historia.

Ou tens da admiração o olhar severo
Sobre Byron, dos mares da Bretanha
O ultimo cysne morto em praia extranha,
Homero, e heróe da Iliada de Homero.

Ai! de mim! ai! de mim! — Em chuva d'ouro
Danae, não posso te alagar a espádoa:
O' Isis minha, sobre a espuma d'agua,
Não te posso levar, mudado em toiro.

O' minha Leda, na lagôa doce,
Em que banhas teu corpo alabastrino,
Nunca serei o cysne alvo e divino,
O deus, que em teus encantos abrigou-se.

Como a estrella na curva azul dos arcs,
Passa alagando em luz o seu caminho,
Tu, ave errante do paterno ninho,
Has-de luz só deixar, onde passares.

Lá na patria dos Sansões, e dos Tassos,
Na patria, onde andam deuses mil em tólo,
Ha-de o espirito teu perder-se tódo,
Como quem se perdeu pelos espaços.

O' mulher doce, como o mel de abelha,
Grave, como uma fortaleza armada,
Que, como de David a esposa amada,
Sosinha, um bravo exército simelha,

Ai! não partiste ainda o só receto
De ver-te ausente, o coração me esmaga:
Que plaga extranha vale a immensa plaga,
Que mda hoje nos emballa ao quente seio?!

Aqui a concha nitida marinha
Abriu de um lado e de outro, e a branca alvura,
Como Sansão num quadro seu figura,
Levantou-se da casta Venus minha.

Aqui quero morrer, o olhar fixado
Na sua imagem, como quem procura,
Levar a Deus, num quadro, a formosura
Para po-lo no céu, a um sol pregado.

IX

Um dia eu mergulhei pelo infinito.
E vi Deus na incommensuravel obra:
Que fazes tu do tempo, que te sobra
Pergunto: e calmo respondeu: — Medito.

E então lhe disse: — e meditaste tudo?
O que faz o infeliz na terra ingrata,
Entre o desejo, que o crucia e mata,
E o Deus, que o ouve gritar, e fica mudo?

Que o não consola da amargura immensa
Desse amor sem remédio, que o flagela?
Ou dá, que eu possa ser escravo d'elle,
Ou mata-me, Senhór: é pouco: — pensa

Deste-lhe uma alma grande, e nobre, e rara:
Ella ama e pensa, como eu amo e penso:
E entre nos arrojaste um mar immenso,
Que cresce mais e mais, e nos separa.

O' Deus, nos teus palacios superiores,
Meditas tu talvez mais mundos novos;
Reis instrumentos, que flagelem povos;
Povos, que aos reis excedem nos horrores.

Inventa nova forma aos ninhos antes:
O céu de novos passaros povoa;
Muda em pombas os filhos da leoa,
E une num só dois corações amantes:

Eu 'stava mergulhado no infinito
Na aza leve da esplendida chimera,
E entre os ultimos sóes da extrema esphera,
Placidamente respondeu — Medito!...

X

O' meu amor, o pallida açucena,
Mulher, que eu amo, como a luz do dia,
Vasc de luz repleto de ambrosia,
Taça virgem de amor, redonda e plena...

Em que meditas tu, e em que eu medito?
Oh! eu queria o teu amor, embora
Deus me furtasse o sol, a estrella, a aurora
E o universo gritasse-me: — maldito...

Quando, em rumor, os astros scintillantes
Me cuspissem do céu iradas vozes,
Fulminado de Deus as mãos atrozes,
Tendo a queda horrorosa dos gigantes,

Vendo a serra a tremer, rasgar a bocca,
E bradar-me: — Traidor! — ouvindo os ventos,
No horrór convulso e irroso dos lamentos,
Judas! gritar com sua voz mais rouca...

Ouvindo os mares com felino grito,
Mandar-me a vaga aos pés dizer: malvado!
E ver sobre os meus hombros despenhado
Com horrór sobre horrór, todo o infinito.

Das virtudes em côro a ouvir: — Perverso!
Nos véus cobrindo os rostos de assustadas,
Vendo as aguas do mar alevantadas,
Como se o pranto fossem do universo...

Ven lo o meu coração batendo n'arca
Do peito com ênormes aldabradras,
Como no templo, em horas avançadas,
A estatua de D. Pedro de la Barca.

E bradar contra mim: O' criminoso!
E assim depois de ter testemunhado,
Com seu passo de bronze hirto e assustado,
Volta a estatua ao metallico repouso...

O maldições eu vos provoço, e chamo
Deuses, mandou—m'as, raio sobre raio.
Fôra ainda feliz, se num desanão,
Ella e eu nos dissessemos: Eu amo. —

Mas quando penso ver um só cabelo
Cahir de sua fronte pura e casta,
Eu me levanto, e digo aos deuses: — Basta —
Inda agarrado ao enorme pezadello...

LUIZ DELFINO

D. DELMINDA SILVEIRA SOUZA

Approve a esta illustre cathari-
nense despende a fineza de dirigir-
me delicada e mui bem escripta
carta, agradecendo-me, em extre-
mo, as linhas singelas, mas ungi-
das de verdade, que por mim
traçadas, a seu respeito, dignou-se
a estimabilissima Redacção do
orgão do *Centro Catharinense*
estampar em suas columnas.

Presando immenso as expres-
sões de delicadeza e generosidade
—da preclara poetisa — e protes-
tando-lhe meu profundo reconhe-
cimento por tanta gentileza sua
para com um dos seus reaes admi-
radores e minimo criado—aprés-
me em offertar á nobre redacção
—para aformosaar a respectiva
Revista—dois trechos da alludida
carta e a poesia que a acompanhou
—uma nova perola dada á nossa
apreciação e admiração — como
o são os dois trechos.

E. NUNES PIRES.

«Podessem vossas animadoras
palavras ser o orvalho vivificador
á plantasinha que desfallece á
mingua do calor da inspiração no
ambiente em que vegeta, arrefe-
cido pela fria realidade do mais
prosaico viver!

Ah! podésse o sol benéfico da
minha dôce primavera voltar,
inda que fosse para, nas tardes
melancolicas do meu tristonho
viver, rasgar, com seus raios sua-
vissimos, as virgens assucenas
abotoadas ainda nos vergéis da
minha alma de poetisa!»

Um Canto

A' MINHA TERRA

A' toi, toujours á toi.
(V. Hugo)

É formosa a bahia do *Desterro*,
Como lago sereno
D'aguas côr de saphira,
Passa a brisa subtil de sêrro em sêrro,
E doce e brando thrêno
Lá nas ondas suspira.

Côrta leve batel as aguas mansas,
A branca vela cheia,
Roçando o mar azul;
Voam galvoas como fogem esp'ranças,
E geme a onda, e anceia
Ao brando vento sul,

Nas tardes do verão, á hora bella
Em que o Sol embrandece
Cobrin-do o céu de rosas,

Loira-se o mar em limpida aquarella
E a nuvem se esvaeco
Em perolas mimosas.

Ah! n'esta hora da saudade amada,
Eu, solitaria e triste,
Nos sonhos da Poesia,
Pelas ternas lembranças embalada,
Um bem que não existe
Creio na Phantasia.

Seismando a beira-mar, do céu tão lindo
Que vejo refletado
Na' aguas socegadas,

As leves côres que se vão sumindo
Me lembram do passado
As rosas desmoliadas.

Então de affecto candido os dolçores
Minh'alma apaixonada
Envolve com fervor,
E—à ti—berço, gentil dos meus amores.

—Minha terra adorada,—
Teço um canto de amor!

DELMINDA SILVEIRA.

Capital de Santa Catharina.

REPRESENTANTES DA "REVISTA CATHARINENSE"

S. PAULO

S. PAULO—Oscar Natividade.
PARANA'

CURITYVA—Elpidio Werneck.
MORRETES—Affonso Ladislau Gama
de Camargo.

SANTA CATHARINA

FLORIANOPOLIS—Francisco de Assis
Costa (*Gabete Sul Ame-
ricano*).

TUBARÃO—Luiz Martins Collaço.
S. FRANCISCO—dr. Luiz Antonio Fer-
reira Gualberto.

CAMPO-ALEGRE—Coronel Guerreiro
de Faria Filho.

ITAJAHY — Arno Konser

LAGUNA — Rodolpho Baptista

ESPIRITO SANTO

VICTORIA—Nelson Costa.

GRANDE DEPOSITO E OFFICINA DE MARMORES

—DE—

J. Emilio Bergmann & C.

Encarregam-se de todo e qualquer trabalho
de marmores, monumentos, capellas, arcos, estatuas, fachada
edificios, balaustradas, escadas, vasos, columnas, altares,
pias baptismaes e para agua benta, banheiras,
pedras para moveis, etc., etc.

ESCULPTURA, ORNATOS E ARCHITECTURA

FINISSIMO GOSTO EM TRABALHO

COM PERFEIÇÃO, BREVIDADE E PREÇOS

Mandam vir qualquer encommenda directamete da Es
e incumbem-se de qualquer trabalho p

RUA DE S. J.

RIO DE JANEIRO